



Recebido em:
29/04/2017
Aprovado em:
14/05/2017
Editor Respo.: Veleida
Anahi
Bernard Charlort
Método de Avaliação:
Double Blind Review
E-ISSN:1982-3657
Doi:

A EDUCAÇÃO SEXUAL EM QUESTÃO: A OFICINA PEDAGÓGICA COMO FERRAMENTA DA EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

JÔNATAS SANTOS DAMACENO
FERNANDA SEABRA FELIX
LUZIA CRISTINA DE MELO SANTOS GALVÃO

EIXO: 10. EDUCAÇÃO, CORPO, SEXUALIDADE, GÊNERO

RESUMO

A Educação objetiva o desenvolvimento cidadão, e é dividida em três principais categorias: formal, não formal e informal. A educação não formal compreende atividades estruturadas fora do espaço escolar para promover o ensino e a aprendizagem. Este trabalho trata da aplicação da oficina pedagógica “SEXOalidade: saúde, conceitos e sociedade” para alunas e alunos do Ensino Médio na XXIII Jornada Esportiva, Cultural e Científica do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe (UFS), como atividade obrigatória da disciplina Estágio Supervisionado II: no Ensino de Ciências e Biologia do curso de Ciências Biológicas (lic.) da UFS. Percebemos na oficina um aprendizado mais livre do que o escolar por ser um conteúdo visto em sala de aula, mas estruturado de forma mais dinâmica e específica para o público escolhido.

Palavras-chave: Educação não formal. Oficina pedagógica. Estágio Supervisionado

ABSTRACT

The goal of Education is the citizen development, and it is divided into three categories: formal, nonformal and informal. Nonformal education comprises structured activities outside the school space to promote teaching and learning. This term paper it is about the application of the pedagogical workshop “SEXuality: health, concepts and society” to high school students in the XXIII Sports, Cultural and Scientific Day of the Colégio de Aplicação (Federal University of Sergipe – FUS), as a required activity of the discipline Supervised Internship II: in Teaching Science and Biology of Biological Sciences degree of FUS. We notice in the workshop a freer learning than the school, because it is a content seen in the classroom, but structured more dynamic and specific way to the chosen audience.

Key-words: Nonformal education. Pedagogical workshop. Supervised internship.

1. INTRODUÇÃO

A Educação em nossa sociedade é organizada em modalidades, com diferentes abordagens pedagógicas, mas é necessário entender o conceito de Educação para depois compreender suas modalidades. Para a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – lei 9.394/96), de 20 de dezembro de 1996, em seu artigo 1º determina que “a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações

culturais” (BRASIL, 1996).

Assim, Libâneo defende que:

A educação corresponde, pois, a toda modalidade de influências e inter-relações que convergem para a formação de traços de personalidade social e do caráter, implicando uma concepção de mundo, ideais, valores, modos de agir, que se traduzem em convicções ideológicas, morais, políticas, princípios de ação frente a 3 situações reais e desafios da vida prática (LIBNEO, 1994, p. 22- 23).

Percebe-se que o objetivo da Educação está baseado nas relações interpessoais e nas situações de ensino e aprendizagem que esse contato com outras pessoas, com as diversas instituições e os variados conteúdos sistematizados pode proporcionar. Desse modo, a Educação leva ao desenvolvimento cognitivo, cultural, político e social, em suma, da cidadania.

Ao levar em consideração que o processo educacional acontece com a união de diversos campos pedagógicos e conceituais, se faz necessária a divisão da Educação em três modalidades distintas – mesmo sem uma delimitação precisa de seus conceitos –, a formal, a não-formal e a informal (OLIVEIRA; GASTAL, 2009). Ainda segundo Oliveira e Gastal (2009), são utilizados alguns determinantes para essa delimitação conceitual,

[...] tais como a questão do meio onde o processo educativo ocorre, a relação entre os sujeitos envolvidos no processo, a existência de intencionalidade didática, a utilização de metodologias e técnicas específicas para a execução de procedimentos didáticos e avaliação de aprendizado, a sistematização e organização submetida a diretrizes institucionais, entre outros (OLIVEIRA; GASTAL, 2009, p. 2).

A educação formal acontece nas instituições de ensino onde os conteúdos são organizados sistematicamente, sendo que a/o aluna/o deve seguir um roteiro pré-determinado e gradual (CHAGAS, 1993; MARTINS; GOLDONI, [2009]; OLIVEIRA; GASTAL, 2009). De acordo com Simson, Park e Fernandes (2001, p. 9), “por educação formal, entende-se o tipo de educação organizada com uma determinada sequência e proporcionada pelas escolas”.

Coombs, Prosser e Ahmed (1973) compreendem que quaisquer atividades que promovam ensino e aprendizagem, que sejam organizadas e estruturadas, e que não ocorram no sistema formal de educação estabelecido, ainda que ajam em consonância ou complementarmente ao último, se conceitua como educação não-formal. Segundo Chagas (1993), essa modalidade é veiculada pelos meios de comunicação, museus, casas de ciência e tecnologia e outras instituições que organizam diferentes eventos, como oficinas, minicursos, feiras, cursos livres, encontros, com o intuito do ensinar ciência a um público diversificado. Assim, Oliveira e Gastal (2009) considera

[...] como espaços não-formais todos aqueles situados fora dos limites geográficos da escola, tais como uma praça, uma avenida, uma quadra comercial e/ou residencial, centros comerciais, uma indústria, centros de pesquisa, reservas naturais, museus, centros de ciências, feiras, parques, entre outros ambientes urbanos, rurais e naturais (OLIVEIRA; GASTAL, 2009, p. 2).

Por fim, a educação informal se dá espontaneamente ao longo da vida da pessoa, no dia-a-dia, em conversas, contato e vivências com colegas, mídia, familiares, amigos, espaços de lazer, interlocutores ocasionais, entre outros (CHAGAS, 1993; MARTINS; GOLDONI, [2009]; OLIVEIRA; GASTAL, 2009).

Dessa forma, o Departamento de Biologia da Universidade Federal de Sergipe estipula que a disciplina obrigatória “Estágio Supervisionado II: no Ensino de Ciências e Biologia” tem como enfoque os espaços não-formais e a construção de conhecimento neles, promovendo o processo de ensino e aprendizagem ao levar conteúdos trabalhados em sala para fora do sistema escolar. De acordo com Pimenta e Lima (2006, p.6), “o estágio se constitui como um campo de conhecimento, o que significa atribuir-lhe um estatuto epistemológico que supera sua tradicional redução à prática instrumental”.

Deve-se compreender que “a utilização de ambientes extra-escolares com a finalidade de desenvolver aprendizados é uma prática pouco explorada como estratégia de ensino-aprendizagem na educação formal” (OLIVEIRA; GASTAL,

2009, p.1). Assim, esse estágio nos prepara para uma abordagem diferente na Educação, unindo a teoria aprendida durante nossa formação docente com a prática profissional do educador.

Vale destacar que para Baratojo e Volquind (1998) a oficina “[...] é [uma] metodologia alternativa que deve ser utilizada porque transforma a sala de aula em um espaço que estimula o pensamento, o sentimento e a ação.” (p. 9). Assim, na educação não-formal há muita utilização das oficinas pedagógicas, pois nelas

[...] os grupos são formados por diferentes pessoas, com diversos níveis de escolaridade, o que dificulta o professor ao ensinar um determinado conteúdo. Nessas oficinas, é apresentado um tema que pode abranger, tanto conhecimentos básicos, como conhecimentos mais específicos, para alunos que estão em níveis de escolaridade mais avançados dos demais, portanto, as oficinas propiciam um trabalho diversificado que privilegia a heterogeneidade de seus participantes (MARTINS; GOLDONI, [2009], p. 6).

Este trabalho tem por objetivo descrever a oficina pedagógica que ocorreu na XXIII Jornada Esportiva Cultural e Científica do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe, em São Cristóvão. Essa oficina foi uma atividade obrigatória da disciplina em questão.

2. MATERIAL E MÉTODOS

A oficina “SEXOalidade: saúde, conceitos e sociedade” foi aplicada na XXIII Jornada Esportiva Cultural e Científica do Colégio de Aplicação – São Cristóvão, SE –, em março de 2017. 20 vagas foram oferecidas para alunas e alunos do Ensino Médio. A área de concentração dessa oficina foi Reprodução, tendo a Biologia como grande área.

Os objetivos propostos foram:

- Esclarecer as diferenças morfológicas dos sistemas reprodutores feminino e masculino;
- Ampliar os conhecimentos sobre saúde sexual e reprodutiva;
- Entender os conceitos de sexo e sexualidade ligados à cultura.

A atividade foi dividida em três partes, onde a primeira foi uma explanação dos sistemas reprodutores feminino e masculino, descrevendo os órgãos que os compõem e suas respectivas funções, com duração de 40min; a segunda tratou da promoção de saúde genital, durando 40min; e a última etapa da oficina foi a aplicação do jogo “O Alvo da Saúde Sexual”, em que os representantes dos 02 grupos que a turma foi dividida tentam acertar o alvo para receberem perguntas sobre os conteúdos tratados nas outras duas partes, com duração de 20min.

Utilizamos como recursos didáticos cartazes com imagens dos sistemas reprodutores feminino e masculino para observação dos órgãos; cartões com os métodos contraceptivos mais utilizados; modelos tridimensionais dos órgãos copulatórios feminino e masculino; e um kit contendo uma apostila com todo o conteúdo apresentado durante a oficina, uma caneta e folhetos informativos sobre IST.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para iniciar a oficina, os mediadores se apresentaram para a turma de 19 alunas e alunos, introduzindo o tema geral da oficina e seus conteúdos, explicando sua estruturação, deixando claro que a participação deles era necessária, fazendo a chamada e entregando o material.

O relato da oficina será apresentado de acordo com a divisão das etapas propostas, sendo elas os sistemas reprodutores, promoção de saúde genital e a aplicação do jogo.

Sistemas reprodutores feminino e masculino

Essa primeira etapa da atividade iniciou-se com a explanação de todos os órgãos dos sistemas reprodutor feminino e masculinos, juntamente com suas respectivas funções. Houve interação com a turma por parte dos palestrantes, onde as alunas e alunos foram indagados sobre o conteúdo e curiosidades com a linguagem adequada para a idade e para o espaço proposto. Aqui vale destacar alguns momentos.

O primeiro deles é o momento inicial, em que a mediadora do momento perguntou as alunas sobre a localização do clitóris, e nenhuma delas. Em outro momento, os meninos foram indagados se eles tinham conhecimento sobre as partes que compõem o pênis, e eles se mantiveram em silêncio.

No momento final dessa primeira parte houve um momento somente para dúvidas. Foram feitas perguntas básicas sobre o ato sexual, a anatomia de alguns órgãos do sistema reprodutor, entre outras dúvidas. As primeiras perguntas se mostraram acanhadas, mas com tempo a turma percebeu que poderia fazer pergunta. Os mediadores responderam todas quantas puderam de forma profissional, com o uso da correta linguagem científica.

Promoção da saúde genital

Nesta segunda etapa, cartões com os seguintes métodos contraceptivos foram mostrados às alunas e alunos: camisinhas masculina e feminina, DIU, espermicida, diafragma, anticoncepcional em pílula e injetável, tabelinha, vasectomia e laqueadura.

A turma foi questionada sobre cada um desses métodos, mas poucos eram conhecidos pelas alunas e alunos. Alguns poucos métodos que eram do conhecimento deles não eram compreendidos em sua totalidade, tendo falhas e lacunas na explicação da turma.

Como uma parte prática nessa etapa, pedimos para voluntárias e voluntários fossem a frente da turma e colocassem corretamente as camisinhas feminina e masculina nos modelos tridimensionais dos órgãos copulatórios, respectivamente. Nenhuma aluna se sentiu confortável, mas 02 alunos foram até a frente da turma e fizeram o que lhes foi proposto.

Aplicação do jogo

A última etapa da oficina foi a aplicação do jogo “O Alvo da Saúde Sexual”, em que a turma foi dividida em 02 grupos, e a cada rodada 01 representante por grupo tentava acertar o alvo. Ao lançar o disco no alvo, perguntas sobre o conteúdo apresentado e debatido durante a atividade eram feitas. Os pontos ganhados correspondiam ao alvo que eles conseguiram acertar. Ao fim do jogo, a equipe ganhadora foi premiada com uma caixa de chocolate.

4. CONCLUSÃO

Nota-se que a temática tratada na oficina suscita muitas dúvidas, levando em consideração a faixa etária das alunas e alunos que estão no Ensino Médio – normalmente entre 15 e 18 anos. São dúvidas que muitas vezes, por timidez ou por falta de abertura, não são tiradas no ambiente escolar em sala de aula, ou até mesmo em casa, com a família.

Percebemos que o espaço da oficina pedagógica proporciona esse momento mais dinâmico e essa liberdade de construção do conhecimento através do processo ensino-aprendizagem para os participantes, pois são conteúdos normalmente vistos em sala de aula, mas com uma estrutura mais independente, organizada e sistematizada especificamente para o público escolhido.

Assim, com a aplicação da oficina, nós, como docentes em formação, conseguimos perceber a necessidade da existência das outras modalidades de Educação, além da formal, para sua completude e compreensão, e para o total desenvolvimento cidadão das alunas e alunos.

5. REFERÊNCIAS

BARATOJO, J. T.; VOLQUIND, L. (Ed.) **Matemática nas séries iniciais**. 1ª ed. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1998. 109 p.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 31 de mar. de 2017.

CHAGAS, I. Aprendizagem não formal/ formal das ciências: Relações entre museus de ciência e escolas. **Revista de Educação**, Lisboa, v. 3, n. 1, p. 51-59, 1993.

COOMBS, P. H.; PROSSER, R.; MANZOOR, A. **New paths to learning for rural children and youth**. New York: International Council for Education Development, 1973. 133 p.

LIBNEO, J. C. (Ed.). **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994. 236 p.

MARTINS, T. D.; GOLDONI, V. **Educação não-formal: trabalhando em uma educação diferenciada**, [2009], p. 1-19. Disponível em: < <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/graduacao/article/viewFile/5969/4319>>. Acesso em: 01 de mar. de 2017.

OLIVEIRA, R. I. R.; GASTAL, M. L. A. Educação formal fora da sala de aula – olhares sobre o ensino de Ciências utilizando espaços não-formais. IN: **Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências**, 7, 2009, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis, 2009, p. 1-11.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. Estágio e Docência: diferentes concepções. **Revista Poiesis**, v. 3, n. 3-4, p.5-24, 2006.

SIMSON, O. R. M. V.; PARK, M. B.; FERNANDES, R. S. (Org.). **Educação não formal: cenários da criação**. São Paulo: Editora da Unicamp, 2001. 315 p.

Licenciando em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Sergipe, email: jonatasstosd@gmail.com.

Licencianda em Ciências Biológicas- UFS, Fernanda.seabra2010@hotmail.com

Doutoranda em Educação, Mestre em Ensino de Ciências; Professora de Ciências e Coordenadora de tutoria de Biologia do CESAD-UFS. Grupo de pesquisa EDUCON. Email: luzia_bio87@hotmail.com.